

No editorial do 1º trimestre da RMCT, depois de nos referirmos ao chamado imperialismo lingüístico “como um dos efeitos nocivos da chamada “globalização”, terminávamos com as seguintes palavras, talvez sibilinas:

“ Vivendo no maravilhoso mundo da ciência e da tecnologia, morando na companhia dos límpidos modelos matemáticos, nós – os da área científico-tecnológica – corremos o risco de esquecer que, sendo brasileiros antes mesmo de sermos engenheiros ou pesquisadores, temos o dever comum de cultivar o idioma pátrio.”

Visto apenas sob o enfoque do período anterior, pareceria que se trata simplesmente de uma obrigação patriótica, uma colaboração que nós - engenheiros militares e civis a serviço dos objetivos científicos e tecnológicos do Exército - teríamos que dar à defesa do vernáculo. Infelizmente, o problema subjacente é mais grave, razão pela qual nos sentimos compelidos, com certo desgosto, a tratar novamente do assunto.

Acima escrevemos que o problema, entre nós, é mais grave porque, mais que uma desatenção para com uma das instituições nacionais (o que já seria assaz preocupante), o mau-trato da linguagem – escrita ou falada – acaba revelando uma espantosa dificuldade em expor idéias claras, em mostrar um pensamento organizado, lógico e seguro em suas análises e conclusões.

É com tristeza e preocupação quando lemos – por exemplo, no compêndio de uma Tese de Mestrado ou de um Projeto de Fim de Curso – junto de erros gramaticais primários (tais como o do uso misturado dos pronomes da 3ª pessoa do singular e da 2ª do plural): frases de sentido ambíguo ou incompleto; adjetivos e substantivos mal escolhidos, inadequados ao uso que deles se pretende; regências erradas de verbos, substantivos e adjetivos, etc. Tem-se a impressão de que o autor do texto está ansioso para se livrar de uma tarefa maçante, de um estorvo que atrapalhou o seu sossego.

Há um modo pragmático, tolerante, de tratar do assunto, e que é o de fazermos vista grossa quando aquele que comete tais falhas tem, pelo menos, uma pressuposta competência técnica ou científica. A respeito dessa tolerância, quem sabe se não seria oportuno lembrar um fato que teria ocorrido no tempo em que o genial Norbert Wiener lecionava no MIT. Contam os bem informados que o Pai da Cibernética tinha o péssimo costume de apagar seus charutos, quando ia de seu escritório para a sala de aula, esfregando-os nas paredes dos corredores daquele respeitável centro de ensino e pesquisa.

Com todo o respeito à genialidade do grande Wiener, perguntamos: quem deu aos gênios o direito de agredir a boa e necessária ordem das coisas? E, terminando, perguntamos ainda: se aos gênios não cabe semelhante direito, por que deveria ser ele concedido a nós outros ?